

ENTREVISTA COM O JÚLIO CEZAR BASTONI

Herasmo Braga¹

Entrevista com Júlio Cezar Bastoni da Silva que é Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP) e Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), sobre Crítica, Produção Literária, Ensino e Pesquisas relacionadas à Literatura Contemporânea.

1. Herasmo Braga: Como se deu a sua aproximação com a Literatura?

Júlio Cezar Bastoni: Não cresci, como muitos professores ou profissionais das letras que conheço, em uma casa na qual os livros eram muito presentes. Como típico filho da classe média baixa brasileira, de uma família de trabalhadores da indústria, possuía em casa apenas alguns livros de literatura infanto-juvenil, paradidáticos e a Bíblia. Imagino que seja algo bem típico de nossa geração, de professores e pesquisadores formados dos anos 1990 para cá, esse contato mais tardio com a chamada grande literatura. Assim, afora eventuais visitas à biblioteca municipal de minha cidade, Pinhal, no interior de São Paulo, meu contato com a literatura deu-se apenas durante o ensino médio, quando estudei, como bolsista, em uma escola particular. O material didático adotado, escrito por Francisco Achcar, ex-professor da Unicamp, era de excelente qualidade. O material possuía uma coletânea de textos que foram efetivamente minha porta de entrada para a literatura – especialmente em assuntos nos quais ainda me debruço com frequência, como a prosa e a poesia oitocentistas. Álvares de Azevedo, Varela, a ficção de Machado de Assis, foram de fato as minhas primeiras leituras literárias.

2. Herasmo Braga: E a ideia de ser professor relacionado com a literatura se tornou mais concreta para você em qual momento?

Júlio Cezar Bastoni: Foi também uma ideia bastante tardia. Meu gosto pela palavra, pelos estudos da linguagem, pela produção textual, é que me levaram à docência na área das letras. Como, à

¹ Atualmente é Coordenador do curso de Letras Português do campus Josefina Demes - Floriano (PI), professor Adjunto I, com Dedicção Exclusiva, pela Universidade Estadual do Piauí. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2003), graduação em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí (2004), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2008) e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nas seguintes linhas: Literatura Brasileira (Neorregionalismo, Literário Brasileiro, Autoficção e Marginalidade), Teoria Literária (estudos da narratividade e mímeses), Literatura Comparada (diálogos entre Literatura e Cinema; Cinema Regionalista e Neorregionalista; Literatura e História) e Literatura e Filosofia (Paul Ricoeur, Alasdair MacIntyre e Walter Benjamin).

época, o ingresso em cursos de graduação voltados ao jornalismo ou à comunicação social era extremamente restrito, decidi cursar Letras, por conta da literatura. Foi durante a graduação, na qual me iniciei na pesquisa, que decidi seguir a carreira acadêmica, pois ela me permitiria – e permite – aprofundar-me nos estudos de literatura brasileira, seja na preparação de cursos e aulas, seja na pesquisa exigida pela profissão docente. Foi mesmo um modo pelo qual pude encontrar e traçar um caminho profissional, que me permitisse trabalhar com a literatura, em diálogo com outras áreas limítrofes, como as ciências sociais – curso, inclusive, que abandonei pela metade.

3. Herasmo Braga: **Nesta sua trajetória enquanto docente o que mais você criou de expectativa e o que mais o frustrou?**

Júlio Cezar Bastoni: É fato muito bem sabido a situação da profissão docente no Brasil. No ensino básico, especialmente, onde se praticam salários aviltantes, obrigando o professor a desdobrar-se em mais de um emprego, com evidente prejuízo para sua formação contínua e, logo, para o ensino. No caso da docência em literatura e língua portuguesa, especialmente, que exigem a leitura constante, mesmo rotineira, as contingências da profissão se fazem muito sensíveis. Assim, as expectativas que eu possuía, na verdade, eram as piores possíveis, visto que estudei grande parte de minha vida em escolas públicas – que no Estado de São Paulo são de uma qualidade deplorável, e certamente não por culpa dos professores. Nesse sentido, meu interesse pelo trabalho docente veio mesmo sabendo das condições da profissão.

A docência em ensino universitário, porém, sempre me interessou pela possibilidade que ela detém no tocante à formação de professores, de um lado, e na preservação e estudo de nossa história literária, de outro. Com problemas bem diversos do ensino básico, a carreira acadêmica abre caminhos mais afeitos ao que esperava de meu trabalho, unindo a pesquisa às atividades de sala de aula. As decepções que surgiram, na verdade, as conheço desde o início de meus estudos como graduando: a falta de reconhecimento, por parte de vários governos, do valor da literatura como formadora de um imaginário coletivo e, simultaneamente, como abertura para a alteridade e para o conhecimento do indivíduo e da sociedade. Assim, os frequentes cortes de financiamento para a pesquisa, de que somos invariavelmente das primeiras vítimas, bem como, tal qual ocorre hoje, os ataques à autonomia universitária e à liberdade de cátedra, penso que sejam das piores questões a enfrentarmos.

4. Herasmo Braga: **Muitos dizem que no Brasil temos mais poetas do que leitores de poesia.**

Você concorda com esta afirmação?

Júlio Cezar Bastoni: A literatura no Brasil, com poucas exceções, foi prática restrita à classe média e às camadas da elite – que também leem pouco, é importante dizer. Isso ocorre, certamente, por conta de nossa desigualdade obscena, de uma sociedade fundada na escravidão, bem como pelas carências do ensino público. Assim, penso que a poesia brasileira ainda se ressent de uma falha que era bastante visível já durante a colônia e a literatura oitocentista: frequentemente, o produtor de poesia se confunde com seu consumidor, inclusive dialogando apenas com seus pares, e não raro compondo grupos de elogio mútuo. Isso é bastante visível contemporaneamente, por exemplo, nas grandes premiações literárias: sempre os mesmos editores, escritores, os mesmos críticos, e por aí vai. Nada, ou pouco, de atores fora do eixo Rio-São Paulo, de escritores negros e indígenas, de pequenas casas editoriais.

Talvez seja necessário, mais que aferirmos quantitativamente as leituras e os livros de poesia, nos atentarmos para a diversidade da produção e para os novos meios de circulação. A poesia também está nas ruas, como os interessantíssimos movimentos dos *slams*, prática poética que se liga à performance, à música, fazendo ainda referência a uma tradição de literatura oral que é muito nossa, muito brasileira: a poesia para ser dita, declamada, de teor engajado ou não. São verdadeiros continuadores, ainda que inconscientemente, de uma história literária que, no Brasil, vem ao menos desde a modinha setecentista, passando pela poesia oratória de Castro Alves e Tobias Barreto, entre outros, sem esquecer a literatura popular, do cordel e dos cantadores.

Há, ainda, pequenas editoras, como a Urutau, que é especializada na publicação de poesia, com destaque para novos poetas. A poesia brasileira, penso, possui uma diversidade interessantíssima, mas que aparece pouco. Precisamos, talvez, deixarmos de nos guiar apenas pelos meios de circulação hegemônicos, pelas grandes editoras, bem como pelos modelos beletrísticos que ainda insistem em aparecer e requerer prestígio e autoridade automáticos.

5. Herasmo Braga: **Para você hoje os nossos leitores estão mais escassos ou mais superficiais no tocante a Literatura? Quais as justificativas para isso você imagina?**

Júlio Cezar Bastoni: Acho que, por razões que apontei na pergunta anterior, nunca tivemos quantidade considerável de leitores. Talvez, hoje, os tenhamos mais numerosamente que no passado, dada a queda do analfabetismo que, no entanto, ainda persiste no país. Uma tiragem de 2000 exemplares de um romance, por exemplo, que se esgota em alguns meses, é fato notável, uma enormidade. Certamente, e isso é perceptível para quem é professor, que se lê pouco; porém, não creio

que em algum momento de nossa história, infelizmente, tenhamos sido diferentes. Não é isso que, ao menos, as estatísticas sobre leitura e alfabetização dizem.

Sobre a profundidade ou densidade da leitura, me recorro de algumas questões levantadas por Ian Watt, historiador da literatura britânico, em seus trabalhos sobre a origem do romance moderno.² Ele nota que a crítica afeita aos padrões clássicos deplorava a narrativa romanesca como um gênero menor – gênero esse que, hoje, certamente é o mais prestigiado. O romance seria a falência do pensamento artístico, o rebaixamento da arte à vida do rés-do-chão, ao cotidiano vulgar, pronto ao entendimento superficial e ao passatempo doméstico. Assim, penso que, talvez, o que haja, atualmente, seja uma convivência – às vezes conflitiva – da literatura com outras mídias, o que tampouco é fato novo: lembremos que o cinema teria representado, com sua produção industrial e sua linguagem audiovisual, a espíritos mais conservadores, ameaça ao artista individual e à arte como produção destinada à fruição especializada. Enfim, não sei o quanto há de verdade nessa premissa, mas suponho que a literatura, enquanto fato da linguagem humana, está em permanente mudança e suscetível a novas formas de recepção, produção e circulação.

6. Herasmo Braga: É comum nas formações das graduações do ensino superior estarmos mais voltados para teorias do que para as obras literárias. Como você avalia essa situação? Há danos reparáveis nisso?

Júlio Cezar Bastoni: Penso que sim. Vejo cursos que supostamente tratam de história literária trabalharem com as mais diversas teorias, utilizando a literatura como uma espécie de exemplificação de teses preconcebidas – não raramente da última moda da academia dos países centrais, sem passar por uma mediação crítica que a consideração de nossas especificidades deve propiciar. A abordagem majoritariamente teórica é, evidentemente, o esperado de um curso de teoria literária, talvez, de estudos linguísticos ou de filosofia. No caso da historiografia literária, ainda, há outro problema, que se liga justamente ao modelo de ensino voltado exclusivamente às generalidades mais elementares de cada momento histórico, geralmente presas aos chamados estilos de época. Falta a essa concepção, justamente, o trato com o caso particular, com a suposta exceção, não apenas no tocante ao que está ausente do famigerado cânone, mas no próprio texto consagrado. Como podemos discutir eficientemente, por exemplo, Machado de Assis, se estivermos atentos ao conceito de realismo propiciado pelo naturalismo de matriz francesa? Esse tipo de questão, evidentemente, só pode ser resolvido pelo confronto direto com o texto literário, que o ensino não pode abandonar, e não apenas na universidade.

² WATT, Ian. *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

7. Herasmo Braga: **O conhecimento sobre a nossa tradição literária brasileira deixa muito a desejar no ensino desde da base ou é apenas exagero de quem pensa assim? Por quê?**

Júlio Cezar Bastoni: Essa pergunta é excelente para retomar a questão sobre o ensino de literatura, seus modelos e práticas. Penso que, primeiramente, há que se pensar a função (ou funções) dos estudos de literatura. Eles, certamente, não existem apenas como forma de conservação de uma memória cultural inquestionavelmente importante. Eles podem propiciar, por exemplo, reflexões sobre a situação do indivíduo, concepções de mundo, questões sociais ou políticas, entre outras. Aspectos da realidade e da práxis humana, enfim, aos quais a literatura se volta, em sua especificidade. Assim, cabe pensar por que, e para que, estudamos a literatura, e como a entendemos em sua manifestação empírica, sincrônica e diacronicamente.

Desse modo, penso que o ensino de literatura, no ensino básico, possa se debruçar, primeiramente, sobre a formação de um leitor competente, cuja capacidade de “leitura do mundo” seja correlacionado a sua vivência no “mundo da leitura” – recordando o título de um texto de Marisa Lajolo, voltado a essas questões.³ Para isso, evidentemente, são necessários tempo e preparação por parte do docente, o que é algo extremamente difícil na escola, hoje, especialmente no ensino público. De qualquer modo, para responder à pergunta, penso que a tradição literária seja mal estudada na escola, e escassamente conhecida pelo cidadão brasileiro, justamente porque ela não é, efetivamente, lida.

8. Herasmo Braga: **No tocante a Literatura Brasileira Contemporânea, o que você nos tem a dizer sobre ela?**

Júlio Cezar Bastoni: Eu vejo com grande interesse o movimento literário contemporâneo no Brasil. A dificuldade de realizar uma síntese sobre a literatura do presente é justamente sinal, a meu ver, de sua vitalidade. Estou, no momento, especialmente interessado na maior abertura que a literatura contemporânea vem apresentando para vozes que restavam, majoritariamente, fora dos estudos e da crítica literária tradicional, até pelas dificuldades de publicação e circulação que a própria exclusão social impõe. As literaturas feminina, negra, gay, indígena e de demais identidades políticas apresentam visões de mundo e releituras da tradição literária brasileira que, efetivamente, abrem o campo a perspectivas diversas, mais democráticas. Isso é especialmente importante em momento no qual o retrocesso e a intolerância com a diferença tem conquistado maior alcance no debate

³ LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

público – debate que, inclusive, corre perigo de retorno a tempos que imaginávamos estarmos superando.

Ainda, penso que a produção literária, dados os avanços tecnológicos hoje mais acessíveis, tem se aberto a novas formas e fontes de publicação e circulação que extravasam, talvez ainda de modo incipiente, o domínio das mídias hegemônicas e das grandes editoras e livrarias. Em Fortaleza, onde leciono, e em muitas outras partes do país pelas quais passei, percebi que há movimentos locais muito fortes, em tendências variadas – da produção ficcional à poética, passando pela performance, saraus e grupos de estudo e leitura. A literatura, hoje – e isso é parte de suas inúmeras transformações historicamente registradas –, vem deixando de ser patrimônio exclusivo de uma voz nacional, de um registro tradicional ou de uma elite letrada. Apesar das agruras, ela existe por si e pelo seu papel inerente às necessidades humanas, atravessando a política e as novas formas de sociabilidade.

9. Herasmo Braga: **Você percebe forte diálogo entre a tradição literária brasileira e a produção literária contemporânea? De que maneira?**

Júlio Cezar Bastoni: Penso que, mais do que um diálogo explícito entre a literatura contemporânea e a nossa tradição literária, é possível flagrar, na produção atual, certas correntes que deram o tom de nossa literatura ao longo do tempo. Assim, para além dos processos de citação e paródia, frequentemente usados na poesia contemporânea, que enfeixam diferentes tradições de nossa poesia lírica – Drummond, Cabral, Oswald de Andrade – há ainda uma tendência a repor questões formais, estéticas, que sempre estiveram, ainda que inconscientemente por vezes, no imaginário da literatura brasileira.

Uma delas, já citada, mas vale retomar, está nos movimentos dos *slams*, na forma pela qual eles repõem uma tradição oral, mesmo oratória, da poesia brasileira. Tais movimentos, já plenamente adaptados às condições brasileiras – e é interessante ver como, em praticamente todas as capitais e grandes cidades do interior, podemos encontrar grupos com saraus e batalhas de poesia –, repõem, em novo figurino, uma tradição poética que é plenamente visível já em nosso romantismo. Quando lemos em voz alta, como deve ser, um poema como “O povo ao poder”, de Castro Alves, percebemos, no uso da redondilha e da rima, características ainda usadas contemporaneamente na poesia das ruas, em conjunto com novas formas advindas do verso da canção moderna – com ecos do samba ao *rap*. Ritmo de matriz popular, presente também na poesia dos cantadores, tal produção repõe uma tendência muito brasileira, que é a função pública da poesia, agora voltada à autorrepresentação das diversas minorias políticas. Este é certamente um forte diálogo com nossa tradição poética, erudita e popular, que deve ser levado em conta.

Outro exemplo é a presença de questões recorrentes em nossa produção ficcional. Do regionalismo, por exemplo, cujas bases também estão em nosso romantismo, não pode ser dito que perdeu sua função ou que tenha sido esmagado por uma pretensa homogeneização presente no Brasil contemporâneo, majoritariamente urbano. Tânia Pellegrini questiona, em interessante texto, se a literatura de Milton Hatoum não configuraria uma espécie de “regionalismo revisitado”, por exemplo;⁴ ainda, é possível se falar certamente de um *Neorealismo brasileiro* contemporâneo, como bem nota meu interlocutor, Herasmo de Oliveira Brito,⁵ em seu livro de mesmo título, publicado pela editora da Universidade Federal do Piauí. Em que ponto autores como Francisco Dantas e Ronaldo Correia de Brito não recolocariam em novas bases, portanto, o regionalismo que está na matriz de nossa literatura nacional?

Vira e mexe, ainda, é possível se falar de uma constante interrogação da prosa romanesca brasileira à formação social do país. Um romance como *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque, por exemplo, vai buscar em nossa sociedade escravocrata a permanência de traços autoritários, classistas e patriarcais que ainda nos enformam enquanto sociedade. O mesmo é possível de ser dito da literatura ficcional de autores como Marcelino Freire, Fernando Bonassi, Paulo Lins, entre outros. Como questões ainda irresolutas – e sem horizonte à vista para tal –, essa literatura debruça-se sobre a configuração social contemporânea do país, notando um viés conflituoso que mina pela base a formação de uma nação democrática, com direitos de cidadania assegurados.

Ainda, certamente, há muitos outros diálogos, especialmente na forma de construção de tradições e identidades, a partir de releituras da história literária brasileira: a literatura marginal-periférica e a construção de uma tradição de representação da subalternidade de classe e raça na literatura, a partir de Lima Barreto, João Antônio, Plínio Marcos; a literatura afro-brasileira, cuja prática está sabidamente acompanhada do estudo de uma tradição literária própria, como podemos ver em trabalhos de Oswald de Camargo, Cuti, Conceição Evaristo, entre outros. Há, enfim, múltiplas formas de lermos essas continuidades, diálogos e releituras da tradição literária brasileira, tais como realizadas pela produção atual.

10. Herasmo Braga: **Diante destas suas observações, por que devemos estudar ou não a Literatura Brasileira Contemporânea? Quais seriam ou não as contribuições efetivas para isso?**

⁴ PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian review*, Wisconsin, v. 41, n. 1, p. 121-138, 2004.

⁵ BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. *Neorregionalismo brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira*. Teresina: EDUFPI, 2017.

Júlio Cezar Bastoni: São importantíssimos os estudos sobre as tendências contemporâneas, e há variadas formas de fazê-los. No meu caso, o que é um traço de minhas afinidades de pesquisa, venho pensando nas novas formas pelas quais o país vem sendo pensado pela literatura, em especial a representação das classes populares e da reconfiguração de nossa histórica e renitente desigualdade. A literatura brasileira sempre se distinguiu por um compromisso bastante forte com as questões sociais – é algo que vemos desde nosso romantismo, e que atribui mesmo um feitiço específico à nossa produção. Assim, tal literatura, não raramente, pode ser integrada a demais contribuições no campo dos estudos sociais, diagnosticando a seu modo questões que são amplamente discutidas em outras áreas do conhecimento. Um exemplo: um romance como *Luxúria* (2015), de Fernando Bonassi, é essencial para se pensar a integração entre consumo desenfreado, individualismo exacerbado e apologia da violência pelas quais a sociedade brasileira vem passando, ao menos desde a última década – cujos resultados estamos sofrendo, e ainda há mais por vir.

De qualquer modo, é possível dizer que os usos e funções que se atribuem à literatura contemporânea determinam a forma pela qual seus estudos podem ser pensados hoje em dia. Todas, evidentemente, são decisões de fundo político – e não apenas pedagógico, como bem sabemos – que, integradas, perfazem um mosaico interessante do que é a própria sociedade brasileira. Assim, a formação e reforço de identidades coletivas, a reconfiguração do cânone fomentada pelas novas tendências, a pesquisa das subjetividades na nova poesia lírica, entre outras, são questões que hoje se abrem para estes estudos.

11. Herasmo Braga **Você tem uma obra que trabalha João Antônio, quais os aspectos mais destacados neste seu trabalho sobre ele? Por quê?**

Júlio Cezar Bastoni: João Antônio (1937-1996) foi um jornalista e ficcionista paulistano, posteriormente radicado no Rio de Janeiro, que possui uma obra que merece, a meu ver maior atenção. Nos trinta anos em que publica seus textos – de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1963, a *Dama do Encantado*, em 1996 –, sua obra acompanha e representa as drásticas mudanças pelas quais o país passou na segunda metade do século XX. Com o foco majoritariamente detido na vida das classes populares brasileiras – trabalhadores e marginais são seus tipos de predileção –, bem como no espaço urbano das duas maiores cidades do país, João Antônio foi capaz de representar a rápida urbanização brasileira desse período, que repõe condições de precariedade e desigualdade que estão já na base de nossa formação nacional.

No meu livro sobre o autor,⁶ fruto de dois anos de pesquisa de pós-doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), realizei uma extensa pesquisa sobre sua produção ficcional e jornalística. Desse modo, o que pude perceber foi a filiação estética de João Antônio a uma corrente de longo termo na literatura brasileira, que é a reflexão sobre a nacionalidade, a partir de uma projeção identitária sobre as camadas populares. Isso é especialmente interessante porque João Antônio escreveu justamente em um momento em que tal registro entrava em ocaso: a literatura a partir da década de 1970, especialmente, preferirá refletir sobre o esgarçamento do tecido social brasileiro, a negação da prática e da ideologia conciliatória, daí uma constante representação dos aspectos violentos e precários de nossa sociedade urbana – é o foco, por exemplo, da literatura de Rubem Fonseca, Ivan Ângelo, Ignácio de Loyola Brandão e muitos outros que seguiram essas veredas.

João Antônio, como o observo, apesar de manter pontos de diálogo com essa nova literatura urbana – chamada por Alfredo Bosi de “brutalismo” –⁷ corre por outra senda: em vez da ênfase no conflito, sua obra representa progressivamente uma intensa desilusão com os destinos do país, em especial a partir da década de 1980, com a abertura democrática e a reconfiguração social e política da chamada Nova República. Como sua cosmovisão, fundada na projeção de uma vivência das camadas populares, ainda estava mais ligada a uma perspectiva, digamos, idealista, sobre os destinos do país – cujo horizonte emancipatório, fundado na superação das condições da desigualdade, permanecia em potência –, seus textos resistem a enfatizar o conflito e a existência de uma impossível conciliação que fundaria um projeto nacional. Assim, sua obra tardia progressivamente volta-se à subjetividade do narrador, na qual, até mesmo liricamente, retoma o passado como contraponto ao presente histórico, a tempos nos quais *a miséria ainda não havia substituído a pobreza*, como ele gostaria de dizer.

A partir dessa perspectiva, foi possível notar aspectos que traduzem, em forma literária, as transformações pelas quais o Brasil passou ao longo da segunda metade do século XX: uma intensa e mesmo brutal urbanização, que repõe a desigualdade social em novos termos, deixando no passado certa possibilidade comunitária talvez ainda presente na vida rural, em nome de um capitalismo triunfante, que não deixa de lamentar enquanto fundador de uma tragédia social e subjetiva sem precedentes. Não há, para o último João Antônio, a possibilidade de retorno ao passado, quando a superação de tais aspectos permaneciam em potência, tampouco horizonte de emancipação para os pobres. As cidades, degradadas e recheadas de miseráveis, aparecem como uma espécie

⁶ SILVA, Júlio Cezar Bastoni da. *João Antônio: literatura e experiência social no Brasil*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2019.

⁷ BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 7-22.

de monumentos ao fracasso civilizacional brasileiro, algo que é plenamente perceptível hoje em dia. Trata-se, enfim, como afirmo no livro, de uma passagem, de um Brasil *possível* a um Brasil *do impasse*, no qual a superação das condições presentes não se apresenta enquanto futuro provável.

12. Herasmo Braga: **Como você observa a Crítica Literária Brasileira Contemporânea? Ela mais atrapalha ou ajuda no conhecimento de novos autores contemporâneos e na formação de novos leitores? Por quê?**

Júlio Cezar Bastoni: A crítica literária, como a vejo hoje, parece estar ocupando um espaço diverso do que ocupava no passado, para o bem ou para o mal. Assim, já há muito tempo, a crítica de rodapé perdeu importância em função dos *releases* editoriais, muitas vezes focados em matérias pagas por grandes grupos editoriais em jornais de destaque, e frequentemente escritos por nomes recorrentes – geralmente das universidades do eixo Sul-Sudeste ou próximos aos editores e proprietários dos órgãos de mídia. Além disso, a crítica universitária, no que tange a sua relação direta com a pesquisa acadêmica, apesar de ser riquíssima, hoje – dada sua tradição já bastante fecunda, mais a relativa ampliação das universidades ocorridas nos governos anteriores –, ainda é muito restrita ao próprio âmbito do ensino em nível de graduação e pós-graduação, pouco alcançando a sociedade em geral.

De qualquer modo, vejo com interesse uma certa agitação em torno da literatura nas redes sociais, em textos, fotos e vídeos. É verdade que, ausente o filtro editorial tradicional, muito do que se produz é de baixa qualidade ou apenas repõe em novos termos a concentração de mercado já presente na mídia tradicional. Porém, há também canais e páginas interessantes, não raro tocadas por interesse voluntário e dedicação semiprofissional – a importância disso para o conhecimento da literatura, de modo geral, e da literatura contemporânea, em especial, ainda está para ser devidamente estudada.

Ainda, há tentativas de recolocar a crítica em meios de circulação mais acessíveis, como o jornal e a revista, e também disponibilizados na rede mundial: falo, em especial, da revista *Quatro cinco um*, de São Paulo, e o interessantíssimo *Suplemento Pernambuco*, este fundado por iniciativa pública. Ambos apresentam material de grande qualidade, resenhas e entrevistas extensas, matérias especiais e colunas, que colocam a literatura e produção cultural, em geral, como elementos fecundantes da reflexão sobre a história e a contemporaneidade. Talvez ainda circulem de maneira um tanto restrita – mas isso, como sabemos, ainda é culpa de nosso mercado cultural incipiente e de condições estruturais da sociedade brasileira. É essencial, porém, que essas iniciativas existam, e oxalá sejam longevas. A literatura, a formação de leitores e de autores, não pode prescindir de meios de divulgação e reflexão sobre seus fenômenos.

13. Herasmo Braga **Para finalizar, quais as suas considerações em linhas gerais sobre a Literatura Brasileira Contemporânea na formação de novos leitores e, conseqüentemente, de novos autores?**

Júlio Cezar Bastoni: Quando pensamos no campo literário brasileiro, contemporaneamente, oscilamos entre um otimismo talvez irrealista e um pessimismo que tampouco tem bases sólidas. Lembro de uma entrevista de João Antônio, que li durante a minha pesquisa sobre o autor, na qual ele afirmava algo como a literatura brasileira apenas existir enquanto há autores e leitores – um sistema literário, diria Antonio Candido –, e que era necessário ao escritor colocar seus livros debaixo do braço e correr Brasil afora, a melhor forma de divulgação e circulação de seus trabalhos. Nesse sentido, penso que a formação de leitores e autores, para além da educação, passa também pela iniciativa dos agentes culturais – escritores, críticos, curadores de eventos, premiações e feiras – em colocar a produção contemporânea, em sua diversidade, nas ruas. A literatura não é algo desligado das necessidades cotidianas do indivíduo: ela faz parte de uma necessidade propriamente humana do consumo e fruição da ficção e das demais linguagens artísticas, faz parte mesmo de um processo de humanização – falando novamente com Antonio Candido – inseparável da vida em sociedade.

Assim, as múltiplas iniciativas hoje existentes, que englobam também grupos de leitura, saraus e encontros de artistas de diferentes estratos sociais, devem ser fomentadas, inclusive como política de Estado – a produção cultural, da qual a literatura é parte importantíssima, deve ser considerada estratégica para um projeto nacional de desenvolvimento, com a progressiva profissionalização de seus agentes e ampliação de suas formas de circulação e divulgação, em especial para regiões fora do eixo Sul-Sudeste. Nesse sentido, o campo literário contemporâneo – escritores, jornalistas, críticos, professores –, deve ter em mente sempre a necessidade de ampliar o alcance de suas intervenções, o que necessita, frequentemente, da reiteração de sua importância para além das considerações estritamente comerciais.